

PLUTARCO E A PRESENÇA DOS BÁRBAROS NA GRÉCIA

Plutarch and the presence of the Barbarians in Greece

Maria Aparecida de Oliveira Silva*

RESUMO

Neste artigo, nosso objetivo é demonstrar como a figura do bárbaro na narrativa plutarquiana desempenha o papel de elemento desagregador da ordem cidadina, em especial na época clássica da história grega, utilizando como estudo de caso a visão de Plutarco sobre a participação de Alcibíades e de Lisandro na Guerra do Peloponeso.

Palavras-chave: Plutarco; bárbaro; Guerra do Peloponeso.

ABSTRACT

In this article our aim is to demonstrate how the Barbarian plays the role of disrupting the order of the city in the plutarchean narrative, especially in the classic age of the Greek history, using as a case study the perspective of Plutarch regarding the participation of Alcibiades and Lysander in the Peloponnesian War.

Key-words: Plutarch; Barbarian; Peloponnesian War.

Na análise plutarquiana, a Guerra do Peloponeso, empresa inacabada de Péricles, funciona como o pomo da discórdia entre os gregos. Em um plano maior, as dissidências e a formação de grupos rivais em Atenas se lançam sobre o contexto grego; assim, a Grécia esfacela-se em grupos isolados de cidades, chefiadas por Esparta, Atenas, Tebas e Macedônia, que disputam a hegemonia do solo grego. Duas biografias prenunciam essa

* Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP).

fragmentação do poder grego: a de Alcibíades e a de Lisandro. Pela primeira vez, no arco que cobre o período clássico da história grega, aparece a biografia de um espartano na obra de Plutarco e, não por coincidência, Alcibíades apresenta a mesma ambição pelo poder que Lisandro.

No prefácio à biografia de Alcibíades, Plutarco retoma sua crítica irônica à abertura do território ateniense aos estrangeiros:

Diz-se não incorretamente que Sócrates, ao demonstrar benevolência e amizade para com Alcibíades, colaborou sobremaneira para o aumento da reputação do jovem, se lembrarmos de homens não inferiores a ele em reputação, como Nícias, Demóstenes, Lâmaco, Fórmion, Trasíbulo e Terâmenes, dos quais não sabemos nem ao menos o nome de suas mães; de Alcibíades, sabemos que sua ama Amicla era lacônia e que seu pedagogo chamava-se Zópiro (*Vida de Alcibíades*, I, 3).

Plutarco insiste no fato de que homens sem memória e sem tradição compõem o corpo político ateniense, daí as intermináveis disputas, não importando o prejuízo que elas significam para a cidade. São os estrangeiros que usam o território ateniense para ganhos comerciais, usam seu povo para lutar nas guerras, manipulam com dinheiro e discursos os presentes nas assembléias e nelas obtêm cargos e fama; enfim, a cidade de Atenas, no ocaso da época clássica, estava desprovida de um legítimo governante, de um líder que se preocupasse com a terra de seus antepassados, que revelasse amor pelo solo em que pisava, sem olhá-lo apenas como uma terra de oportunidades para seu enriquecimento, sua sede de glória e seu sonho de poder. Assim, para Plutarco, Alcibíades é um homem ambicioso¹, que se

1 Em Tucídides, VI, 15, Alcibíades é descrito como um indivíduo calculista e ambicioso na ocasião da decisão ateniense sobre a pertinência ou não da empresa contra a Sicília: o defensor mais veemente da expedição era Alcibíades, filho de Clínius, desejoso de opor-se a Nícias, seu adversário político e que, além disto, o havia atacado antes; acima de tudo, porém, ele sempre ansiou por ser nomeado comandante, alardeando que iria subjugar a Sicília e Cartago e, ao mesmo tempo, servir aos seus interesses pessoais em termos de riqueza e de glória (*História da Guerra do Peloponeso*, VI, 15). Tradução de Mário da Gama Kury, Op. cit.

manteve contido enquanto esteve próximo a Sócrates. Notamos que, até o sétimo capítulo de sua biografia, Plutarco conta episódios comuns entre eles, reforçando a idéia de que Sócrates gostava de Alcibíades e que eram amigos inseparáveis.

A partir do oitavo capítulo, quando Alcibíades casa-se com Hipareta, filha do ateniense Hipônico, um rico e reconhecido cidadão, para adentrar a vida política ateniense, Plutarco não faz mais referências à amizade dele com Sócrates², como se suas ambições políticas o tivessem afastado da sabedoria socrática, fato que pode ser depreendido quando Plutarco afirma, ao citar as palavras de Platão³ no quarto capítulo da biografia de Alcibíades⁴, que o governante deve ser moldado pela filosofia para despertar um “amor reflexo” (*antérota*) em seu povo, cuja vontade de espelhar-se em seu representante ocorre em virtude do amor que seu governante sente por ele. Nesse trecho, como em outros, Plutarco considera a relevância da conduta de um governante: este tem a função social de servir de modelo para o seu povo, tendo como principal objetivo o equilíbrio da sociedade.

Plutarco nos mostra como os governantes atenienses atuam isolados das necessidades cidadinas, tanto no espaço público quanto no privado, e neles deixam as marcas de suas disputas. Assim, Plutarco desconsidera qualquer poder de interferência do povo nas decisões políticas cidadinas, como se a sociedade ateniense se dividisse em duas grandes camadas sobrepostas: a primeira, a dos aristocratas, condutores dos acontecimentos históricos, e, a segunda, composta pelo restante da população não-aristocrata, cuja participação na sociedade aparece determinada pelas ações de seus governantes. Esse pensamento plutarquiano assemelha-se ao exposto

2 *Vida de Alcibíades*, VIII, 2. Plutarco relata ainda que Alcibíades recebeu um dote de doze talentos.

3 A passagem a que Plutarco faz referência está no diálogo platônico *Fedro*, cujo teor é: “Não é da determinação do destino que o malvado ame o malvado e que o homem virtuoso não possa ser amado pelo homem virtuoso [...] assim também o amado, no espelho do amante, viu-se a si mesmo sem dar por isso. Quando o amado está longe, o amante sente tristeza, da mesma forma esta desperta no amado, porque ele abriga o reflexo do amor” (*Fedro*, 255a-c). Ver Platão. *Diálogos. Mênon. Banquete. Fedro*. Tradução de Jorge Palekait. Porto Alegre: Globo, 1960.

4 *Vida de Alcibíades*, IV, 4.

por Platão⁵ em sua *A República*, 347c-d⁶, em que o filósofo afirma que a maior punição de uma cidade é ser governada por um homem sem valor, pois ela sofrerá grandes males dessa administração. Portanto, tanto Platão como Plutarco acreditam que a condução dos assuntos citadinos cabe à classe dos aristocratas, cidadãos legítimos, esclarecidos pela filosofia.

Outra questão relacionada ao casamento de Alcibíades e de Hipareta aparece como alvo da crítica plutarquiana: a entrada de indivíduos oriundos de famílias desconhecidas no âmbito das aristocráticas. Como Plutarco já mencionara no prefácio da biografia de Alcibíades, pouco se sabia de seu passado, impossível ainda saber quem foram seus antepassados de fato, o que se torna inconcebível para o pensamento eugênico e tradicionalista de Plutarco. Ao longo de sua obra, Plutarco demonstra respeito pelas histórias de sua pequena Queronéia, contadas pelo seu pai, avô e amigos; ora, Plutarco não revela apenas ser afetuoso com seus familiares, mas ser um homem com história familiar, com antepassados conhecidos, com tradição. As consequências desse equívoco de casar indivíduos de grupos sociais diferentes são narradas assim por Plutarco:

Hipareta era devotada e amante do marido, sofria em seu casamento com ele, porque deitava-se com prostitutas estrangeiras e da cidade, e de casa afastou-se para morar com seu irmão (*Vida de Alcibíades*, VIII, 4-5).

5 Há vários autores que estudam a influência da filosofia platônica nos intelectuais do Império; muitos atribuem a Plutarco um importante papel difusor das idéias do filósofo ateniense. Ver FROIDEFOND, C. Plutarque et le platonisme, *ANRW*, II, 36.1, 1987, p. 185-233 e WHITTAKER, John. Platonic Philosophy in the early centuries of the Empire, *ANRW*, II, 36.1, 1987, p. 81-123.

6 Assim Platão escreve: Ora o maior dos castigos é ser governado por quem é pior do que nós, se não quisermos governar nós mesmos. É com receio disso, me parece, que os bons ocupam as magistraturas, quando governam; e então vão para o poder, não como quem vai tomar conta de qualquer benefício, nem para com ele gozar, mas como quem vai para uma necessidade, sem ter pessoas melhores do que eles, nem mesmo iguais, para quem possam relegá-lo. Efetivamente, arriscar-nos-famos, se houvesse um Estado de homens de bem, a que houvesse competições não para governar, como agora as há para alcançar o poder, e tornar-se-ia então evidente que o verdadeiro chefe não nasceu para velar pela sua conveniência, mas pela dos seus súditos (*A República*, 347c-d). Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, op. cit.

Com esse relato, Plutarco esclarece que a intenção de Alcibíades era apoderar-se do dote que lhe foi dado em troca do casamento com Hipareta. Tal acontecimento nos leva a compreender a analogia plutarquiiana entre o uso que Alcibíades faz do povo com seus discursos e o uso que ele faz da aristocrática família de Hipareta. Em outras palavras, Alcibíades consegue circular em várias esferas da sociedade ateniense e, em todas elas, obter vantagens. Mas a atitude mais demonstrativa de seu senso de individualidade, de seu descaso com as necessidades de Atenas, apresenta-se em sua manobra política para descumprir o tratado de paz firmado por Nícias, ato que ficou conhecido como a “paz de Nícias”⁷. Segundo as informações plutarquiianas, Alcibíades convocou alguns aliados atenienses e discursou contra os lacedemônios⁸. Em seguida, eleito estratega, Alcibíades firmou aliança com os argivos, mantineus e eleus, conseguindo assim o apoio de parte considerável do Peloponeso.

O resultado dessas ações aparece na guerra de Mantinéia, na qual Alcibíades defendeu a cidade de Argos da invasão lacedemônia, tornando-se um benfeitor local e aliando-se a uma região importante para suas pretensões políticas⁹. Mas Alcibíades vai mais além: incita o povo ateniense a organizar uma expedição contra a Sicília, pois via a ilha como passagem para dominar Cartago e a Líbia e, depois, a Itália e o Peloponeso¹⁰. Com esse registro, Plutarco evidencia os planos de Alcibíades de formar um grande Império ateniense, não para o bem da cidade, mas para contentar sua cobiça pelo poder.

No entanto, sua demonstração maior de desprezo pela tradição cidadina está em sua ação herética tanto contra as hermas como na profanação dos mistérios, antes da campanha contra a Sicília, o que resultou em sua condenação à morte. Plutarco narra que, antes de Alcibíades ser condenado, o orador Andócides persuadiu os atenienses a enviar um navio para

7 *Vida de Alcibíades*, XIV, 1-3.

8 *Ibid.*, XIV, 4-5.

9 *Ibid.*, XV, 1.

10 *Vida de Alcibíades*, XVII, 3-4.

buscá-lo na Sicília¹¹, para que este se defendesse das acusações no tribunal. Porém, Alcibíades desencadeia uma seqüência de fugas até implorar refúgio aos espartanos.

Os inconvenientes de se ter um estrangeiro na cidade ainda são sentidos por Esparta quando a cidade aprova acolher Alcibíades em seu território. Plutarco conta que o estrategista, sem qualquer constrangimento, sugeriu mudanças nos planos dos espartanos para a defesa de Siracusa, incitando-os a guerrear contra Atenas¹². Em razão de suas instruções, os espartanos venceram os atenienses, prejudicando sobremaneira a cidade. Tendo em vista esses episódios, Plutarco ressalta que Alcibíades sonha com a glória pessoal e que se comporta como um ser apartado de sua sociedade¹³. Na passagem a seguir, Plutarco relata mais uma demonstração de desapego aos costumes atenienses de Alcibíades, que, ao ser aceito em Esparta, incorpora o modo de vida espartano, com o intuito de obter a simpatia desse povo:

Não menores eram sua boa reputação e a admiração diante dos cidadãos. A muitos agradou e encantou por causa de seus hábitos lacônicos, e nisto acreditaram, porque viram Alcibíades barbear-se, tomar banho frio, comer pão de centeio e tomar o caldo de coloração negra. Estavam incrédulos e atônitos se ele um dia teve cozinheiro em sua casa, se havia visto um fabricante de perfumes ou se vestiu túnicas milésias (*Vida de Alcibíades*, XXIII, 3-4).

11 André Chevitarese assim descreve o contexto social ateniense logo após sua derrota na Sicília: “A situação bastante delicada que Atenas estava passando no plano externo – derrota militar na Sicília, defecção de importantes *póleis* no interior do seu Império, o apoio persa aos lacedemônios e a ocupação da Decéia por Agis e os aliados peloponésios – propiciou uma situação de incerteza e insegurança quanto ao futuro imediato entre os cidadãos atenienses. É no interior desta conjuntura político-militar desfavorável que irá ocorrer o golpe oligárquico, denominado de governo dos Quatrocentos”. Ver CHEVITARESE, André L. A questão fundiária e a conjuntura atenienses do governo oligárquico de 411 a.C. *Clássica*, Suplemento 2, 1993, p. 191.

12 Diodoro da Sicília igualmente narra que Alcibíades atravessou a Itália em direção ao Peloponeso para pedir refúgio em Esparta e que, lá estando, Alcibíades incentiva seus hóspedes a atacar Atenas (XIII, 5, 4). Ver *Diodorus Siculus*. Trad. C. H. Oldfather. Cambridge/ Massachusetts/London: Harvard University Press/W. Heinemann, 1976.

13 Ver capítulos XVII a XXII da biografia de Alcibíades.

Plutarco conduz sua narrativa para a conclusão de que indivíduos acostumados ao lucro pessoal com a prática do comércio passam para o plano político e social esse comportamento individualista, usando seus cidadãos para atingir lucros pessoais, como prestígio, poder e riqueza. A desconhecida origem da mãe de Alcibíades revela sua face desligada da cidade e também boa parte de sua formação educacional, pois os atenienses mantinham seus filhos até os sete anos educados por suas mães. A tradição ateniense herdada de seu pai mescla-se à bárbara, o que traz a Alcibíades certa naturalidade com comportamentos estranhos aos cidadãos. Então, Alcibíades não se mostra imbuído de um sentimento de pertencimento à cultura ateniense, pois estava habituado ao diferente, a conviver com estrangeiros que viam Atenas como uma cidade para obtenção de ganhos, sem qualquer comprometimento com sua tradição, desrespeitando seus hábitos e costumes.

Plutarco formula um símile entre Alcibíades e um camaleão; lembra que este, tal como Alcibíades, converte sua pele em várias cores, mas não se torna branco. A alusão à cor branca nessa comparação pode ser entendida como um sinal de pureza, que se enquadra a Alcibíades tanto no plano moral como no racial. Dessa maneira, o desrespeito às leis e à tradição é algo inerente na sua formação de semibárbaro, de um ser híbrido, não no sentido positivo como Teseu, que descendia de dois importantes e tradicionais povos gregos, mas no negativo, pela mistura de sangues diferentes, pois, como vimos, Plutarco considera os gregos consangüíneos. E o grande mérito de Esparta foi não permitir que seus cidadãos se enleassem com os estrangeiros, degenerando sua raça, o que explica a admiração plutarquiana pela política eugênica de Esparta.

A entrada de Alcibíades na cidade espartana, contudo, termina por abalar a tradição eugênica de Esparta, um dos pilares de sua base social, quando ele engravida Timaia, cônjuge do rei Ágis¹⁴. Com esse acontecimento, Plutarco mais uma vez mostra a face bárbara de Alcibíades, que, ao envolver-se com a esposa do rei, quebra as regras de hospedagem grega (*xenía*), já ensinadas em Homero. Tal ato o distancia dos hábitos e dos

14 *Vida de Alcibíades*, XXIII, 7.

costumes gregos para aproximá-lo do bárbaro, visto que “barbariza” a sociedade espartana ao macular a linhagem de uma das principais famílias de Esparta e, ainda, ao colocar um bastardo na linha sucessória ao trono. Conforme a narrativa plutarquiana, Leotíquidas, o fruto dessa ligação espúria, era motivo de orgulho para Alcibíades, uma vez que seu descendente reinaria em Esparta. Mas a aspiração de Alcibíades destrói-se quando Ágis nota um contra-senso no tempo de gestação da criança e conclui que Leotíquidas não era seu filho e o rejeita¹⁵.

Depois de consumado o ato de desrespeito, Alcibíades foge de Esparta e pede asilo ao sátrapa Tissafernes. A afinidade entre Alcibíades e Tissafernes é quase imediata; Plutarco descreve a alegria e a harmonia desses indivíduos em atitudes de selvageria, de furor e de destruição¹⁶. A indiferença de Alcibíades com relação ao sentimento de ser grego, aquele de preservar sua terra e seus costumes, é explorado mais a fundo por Plutarco:

Alcibíades, portanto, renunciou ao modo de vida dos lacedemônios por não confiar mais neles, também por temer Ágis; dirigiu-se a Tissafernes, caluniando-os. Igualmente fê-lo desistir de socorrer os lacedemônios com boa vontade, e de em nada destruir os atenienses; em vez disso, aconselhou Tissafernes a com parcimônia pressioná-los ao desgaste e ao esfacelamento das cidades, porque depois de se esgotarem uns aos outros, cairiam facilmente nas mãos do Rei (*Vida de Alcibíades*, XXV, 1-2).

Plutarco coloca em cena o bárbaro¹⁷ Tissafernes e suas demonstrações de amizade para com Alcibíades. Com isso, revela que a invasão bárbara não é mais evidente como no período anterior, pois o Rei não precisa mais

15 Ibid., XXIII, 8-9.

16 Ibid., XXIV, 1-7.

17 Antes das guerras contra os persas, os gregos tratavam os bárbaros como aqueles que não falavam e nem compreendiam a língua grega; depois delas, passam a ver os bárbaros como inimigos. A mudança na abordagem dos gregos deve-se a uma propaganda política grega contra os persas, tais são as conclusões expostas nestes dois artigos: SCHWABL, Hans. Das Bild der Fremden Welt bei den Frühen Griechen. In: *Grecs et barbares. Entretiens sur l'Antiquité Classique*, tome VIII, 1961, p. 1-23; e DILLER, Hans. Die Hellenen-Barbaren-Antithese im Zeitalter der Persekkriege. In: *Grecs et barbares. Entretiens sur l'Antiquité Classique*, tome VIII, 1961, p. 37-68.

de exércitos para destruir a Grécia e seus cidadãos orgulhosos de serem gregos; agora, seus emissários transportam riquezas para a Grécia e seus deteriorados cidadãos; inimigos invisíveis, como bactérias no ar, dominam a Grécia em silêncio. Até mesmo Esparta, a cidade dos sonhos de Plutarco, deixa-se influenciar por Alcibíades, criando condições para que seus costumes fossem corrompidos pelo desejo de poder e de riquezas, e o maior exemplo desse indigno momento da história espartana é Lisandro.

Quando Alcibíades instou os espartanos a lutarem contra os atenienses, uma nova personagem surge no cenário político de Esparta, o navarca Lisandro¹⁸. O seu poder cresce em virtude de suas expedições navais; nas entrelinhas do relato plutarquiano, vemos que Alcibíades incentivou Lisandro à construção de naus em Esparta e o influenciou em seus planos de conquista¹⁹. Segundo o retrato plutarquiano de Lisandro, após vencer os atenienses e seus aliados em Egospotâmos²⁰, o navarca invade Atenas, incendeia sua frota e coloca por terra as Grandes Muralhas²¹. E, na biografia de Lisandro, Plutarco relata que ele também institui o governo dos Trinta Tiranos em Atenas²². Dessa maneira, a Guerra do Peloponeso encerra-se com a ruína da cidade ateniense, sem fundos para sua reconstrução e indefesa diante de futuros ataques²³.

Como Alcibíades, a origem de Lisandro também era incerta; Plutarco conta que o navarca foi criado na pobreza (*etráphē dē hō Lýsandros en peníai*)²⁴. Nesse trecho, notamos uma profunda mudança no quadro social

18 No Museu de Esparta, há três modelos de embarcações espartanas reproduzidos em miniaturas de marfim; Lucien Bash compara os modelos e os contextualiza na história da cidade. Ver BASH, Lucien. Trois modèles de navires en marbre au musée de Sparte, *L'Antiquité Classique*, XXXVIII, 2, 1969, p. 430-452.

19 Plutarco menciona a semelhança entre eles, mas destaca que Alcibíades era arrogante e irônico e que Lisandro era assustador e insuportável no poder (*Vida de Lisandro*, XIX, 3-4).

20 Nome que advém de *Aigós Potámoi* (Rios do Bode), riacho no Quersoneso (*Khersonésos*, “ilha-terra”) trácio, em frente a cuja foz os atenienses sofreram sua derrota final na Guerra do Peloponeso em 405 a.C. Ver HARVEY, Paul, op. cit., s. v.

21 *Vida de Alcibíades*, XXXVII, 1-5.

22 *Vida de Lisandro*, XXVII, 2.

23 Cornélio Nepos narra que Lisandro despertou a antipatia dos gregos ao expulsar seus opositores das cidades e nelas instaurar seu modelo político, a tirania (*Lisandro*, I, 4-5). Ver *Cornelius Nepos*. Trad. John C. Rolf, London/ Massachusetts/ Cambridge: William Heinemann/ Harvard University Press, 1984. Por esses e outros motivos, Plutarco afirma que havia uma frase jocosa de Etéocles, famosa entre os gregos, de que “a Grécia não suportaria dois Lisandros” [*hōs ouk àn hē Hellás dío Lisándrous çvenkei*] (*Vida de Lisandro*, XIX, 3).

24 *Ibid.*, II, 1.

espartano. Plutarco afirma, ao longo de suas biografias espartanas, que Licurgo criou um sistema igualitário, com refeições públicas e distribuição de terras aos seus cidadãos. Como explicar que Lisandro viveu na pobreza? A formação de Lisandro deu-se em plena Guerra do Peloponeso, pois ele figura em seu contexto apenas nas batalhas finais. Com esse relato, Plutarco coloca como subtexto que a cidade despendeu recursos significativos no conflito, acarretando o empobrecimento de seus cidadãos.

Mas foi com o fim da guerra que Lisandro distribuiu ouro e prata suficientes para despertar a cobiça dos espartanos, degenerando seus costumes. E, nesse momento, Plutarco expressa seu primeiro desacordo com as leis licúrgicas; a seu ver, homens como Lisandro surgem por terem sido alimentados pelos preceitos da educação espartana, uma vez que esta ensina aos jovens valores que fomentam a ambição e a vontade de vencer em seus cidadãos²⁵. A cobiça de Lisandro levou-a a firmar aliança com Ciro, filho do Rei, do qual recebeu a quantia de dez mil dáriscos²⁶. Sobre as relações de Lisandro com os persas, Plutarco e Suetônio têm versões diferentes. Para o grego, Lisandro teria se aproximado de Ciro para queixar-se do descaso de Tissafernes no socorro aos espartanos, que, a seu ver, deveu-se à sua amizade com Alcibíades. Nessa ocasião, Ciro, satisfeito com as críticas ao sátrapa, acolheu as considerações do espartano²⁷.

Por sua vez, Suetônio relata que Farnabaso, ao perceber que Lisandro era cruel e avaro, envia uma correspondência aos éforos espartanos, alertando-os sobre o comportamento de Lisandro na Ásia. O lado pitoresco desse relato é quando Suetônio diz que Lisandro visitou Farnabaso, solicitando a escrita de uma carta que atestasse sua boa conduta; então, o sátrapa atendeu o pedido do general espartano e, juntamente com ele, redigiu um texto elogioso a Lisandro. Porém, no momento de selar a correspondência, Farnabaso trocou-a por outra em que contava a verdade para os éforos; assim, fez Lisandro transportar sua própria condenação²⁸. Xenofonte também relata que Lisandro recebeu dinheiro de Ciro, mas em circunstâncias

25 Ibid., III, 2-3.

26 Ibid., IV, 4. Em IX, 1, Plutarco outra vez descreve uma cena em que Lisandro recebe ouro e prata de Ciro, um auxílio para o espartano lutar contra os atenienses na batalha de Egospotâmos.

27 *Vida de Lisandro*, IV, 1-2.

28 SUETÔNIO. *Lisandro*, IV, 1-4.

especiais em que Ciro procurava reparar seu erro com os espartanos; então, Lisandro solicitou que ele desse um óbolo para cada tripulante²⁹. Novamente, Plutarco delata a guerra silenciosa dos persas contra os gregos, que, por meio de seu dinheiro, destrói a Grécia ao financiar a guerra entre suas cidades³⁰.

Paul Cartledge avalia que o Império ateniense, com seus ideais de democracia, livre comércio e progresso racional, foi eclipsado, sem jamais retornar ao brilho de outrora, depois da derrota em Egospotâmos. Já Esparta edificou um tipo diferenciado de Império, mas que também não durou mais de três décadas, conhecendo assim a invasão de seu território, a revolta e a libertação de seus hilotas, dos quais Esparta era dependente³¹.

Com os fundos levantados junto aos persas, Lisandro vence a batalha de Egospotâmos³² e destrói a autonomia ateniense³³. E Plutarco

29 XENOFONTE. *Helênicas*, I, 5. Ver Xenophon. *Helléniques*. Texto estabelecido e traduzido por J. Hatzfeld. Paris: Belles Lettres, 1936-39.

30 Conforme a visão plutarquiana dos fatos, Lisandro é o primeiro espartano a firmar acordo com os persas. Contudo, já em Tucídides, as negociações com os persas iniciam-se no reinado de Ágis: “Ao mesmo tempo que Ágis negociava com os lésbios, os quianos e eritreus, também dispostos a rebelar-se, dirigiram-se não a ele, mas à Lacedemônia. Vinha com eles um emissário de Tissafernes, comandante dos territórios costeiros do rei Darios, filho de Artaxerxes, pois Tissafernes estava tentando induzir os lacedemônios a intervir em seus territórios, prometendo pagar-lhes os gastos da expedição. [...] Os lacedemônios estavam muito propensos a aceitar as propostas dos quianos e de Tissafernes, influenciados principalmente por Alcibiades”. (*História da Guerra do Peloponeso*, VIII, 5-6).

[...]

Naquele momento, imediatamente após a rebelião de Míletos, foi concluída a primeira aliança entre os lacedemônios e o Rei, por intermédio de Tissafernes e Calceides, nos seguintes termos: “Os lacedemônios e seus aliados concluíram uma aliança com o Rei e Tissafernes nas seguintes condições: [...] ‘Se alguém se revoltar contra o Rei será considerado inimigo dos lacedemônios e de seus aliados, e se alguém se revoltar contra os lacedemônios e seus aliados será da mesma forma inimigo do Rei’” (Idem, VIII, 18). Tradução de Mário da Gama Kury, op. cit.

31 Ver CARTLEDGE, Paul. *The Spartans: The World of the Warrior-Heroes of Ancient Greece, from Utopia to Crisis and Collapse*. Woodstock/ New York: The Overlook Press, 2003, p. 40.

32 Após a vitória em Egospotâmos, conforme Forrest, Lisandro capturou todos os navios atenienses, massacrando três mil atenienses capturados durante a guerra, seus superiores foram humilhados e arrastados até Atenas; comandantes espartanos, conhecidos como *harmostas*, e um grupo de dez oligarcas, todos amigos de Lisandro, ocuparam cargos em Atenas e nas cidades aliadas derrotadas na batalha. Ver FORREST. W. G. *A History of Sparta 950-192 B.C.* New York/London: W. W. Norton & Company, 1969, p. 120.

33 Ver capítulos XIV a XVI da biografia de Lisandro.

comenta ironicamente a situação ao dizer que Lisandro foi recebido com muitos presentes e honras na Trácia, pois seu povo o via como o grego mais poderoso, o senhor da Grécia (*kyríōi tēs Helládos*)³⁴. O poder e o prestígio alcançados por Lisandro trouxeram a Esparta o ouro e a prata; no entanto, a maior perda para o sistema espartano foi sua determinante intervenção na disputa pelo trono, garantindo a ascensão de Agesilau.

Suetônio discorre sobre a disputa de Agesilau e Leotíquidas pelo trono e a participação decisiva de Lisandro na escolha de Agesilau³⁵. Também menciona que Leotíquidas foi declarado filho ilegítimo de Ágis, mas sem revelar o nome de seu pai³⁶, ao contrário de Plutarco, que atribui sua paternidade a Alcibíades. Já Xenofonte relata que a concorrência se deu entre Agesilau, filho de Arquidamo, e Leotíquidas, filho de Ágis, sendo este último o escolhido por sua linhagem e virtude³⁷. Em momento algum Xenofonte refere-se à suposta bastardia de Leotíquidas; o mesmo ocorre em sua obra *Helênicas*³⁸.

A obediência de Agesilau a Lisandro faz-se notar logo após sua nomeação, quando Lisandro o convence a empreender uma campanha militar contra a Pérsia. Plutarco registra ainda que Lisandro ofereceu um presente tão valioso quanto o trono espartano, mas sem dizer a natureza ou o valor dele³⁹. O sentimento de onipotência de Lisandro o conduz a implementar mudanças no sistema citadino para viabilizar seus planos de conquistas pessoais⁴⁰.

Nesse relato, o que desperta a atenção do leitor é a falta de resistência de Agesilau aos intentos de Lisandro, mas Plutarco já antecipa essa postura subserviente do rei quando afirma no prefácio de sua biografia:

34 *Vida de Lisandro*, XVI, 1.

35 No entender de Robert Parker, as controvérsias em torno do exílio do rei Pleitonax e a ascensão de Agesilau revelam um certo nível de religiosidade, na crença de que o rei era o responsável pelo bem-estar citadino, pois se um homem sem consangüinidade com uma das casas reais ocupasse o trono espartano, a cidade sofreria com a escassez de víveres e desastres militares. Por seu turno, o bom rei demonstrava seu compromisso com os cidadãos ao morrer lutando pela cidade, tal como fizera Leônidas nas Termópilas. Ver PARKER, Robert. Spartam Religion. In: POWELL, Anton (Ed.). *Classical Sparta: Techniques Behind Her Success*. Norman/ London: University of Oklahoma Press, 1989, p. 153.

36 SUETÔNIO. *Lisandro*, I, 1-4.

37 XENOFONTE. *Agesilau*, I, 5.

38 *Helênicas*, III, 3.

39 *Ibid.*, XXIII, 1-2.

40 *Ibid.*, XXIV, 3.

Agesilau, educado para ter uma natureza submissa, foi conduzido ao poder sem ter aprendido a governar. Por isso, dentre os muitos dos reis espartanos, Agesilau foi o que mais escutou seus subordinados e o que mais esteve do lado deles (*Vida de Agesilau*, I, 3).

Dessa maneira, Agesilau deixa-se persuadir pelo discurso de Lisandro e parte para a luta contra os persas na Ásia⁴¹. No entanto, a passividade de Agesilau se rompe quando o rei percebe que Lisandro era mais respeitado e admirado em Esparta; então, Agesilau trava batalhas contra a Ásia⁴² para conquistar glória e riqueza que superassem as de Lisandro. E, vencendo todas elas, o rei espartano torna-se o homem mais ilustre de seu tempo⁴³. A rivalidade entre eles resulta na aproximação de ambos com os persas, uma vez que o ouro e a prata recebidos do rei financiam suas expedições. A princípio, Agesilau adentra a Ásia com hábitos espartanos, o que inspira Plutarco a contrastar a simplicidade de suas vestes e de seus hábitos com a riqueza e o luxo das vestimentas dos persas⁴⁴. As sucessivas vitórias de Agesilau na Ásia aumentaram sua fama e seu poder na Grécia, a ponto de despertar a oposição de Antálcidas, general espartano, que, vendo o quanto essas guerras fortaleciam a imagem de Agesilau, articulava para que um acordo de paz fosse firmado com os persas, o que não ocorreu⁴⁵.

Apesar dos esforços de Antálcidas, o rei espartano recebe mais fundos dos persas para suas expedições e se lança na conquista do Peloponeso, e os adversários que oferecem maiores resistências são os tebanos, que derrotam Agesilau em várias batalhas⁴⁶. Quando ainda estava em Tebas, Agesilau teve a oportunidade de estabelecer a paz entre os gregos, proposta por Epaminondas depois de tantas batalhas infrutíferas dos espartanos. Plutarco assim descreve a situação:

41 *Vida de Agesilau*, VI, 2.

42 As expedições de Agesilau contra a Ásia também são narradas em Xenofonte, em especial no quarto capítulo de suas *Helênicas*.

43 *Ibid.*, X, 5.

44 *Ibid.*, XIV, 1-3.

45 *Vida de Agesilau*, XXIII, 2.

46 *Ibid.*, XXVII, 3.

Quando vieram muitas derrotas espartanas na terra e no mar, sendo a mais fragorosa a ocorrida em Tégira, quando pela primeira vez os espartanos viram sua formação destruída pela armada tebana [...], Epaminondas demonstrou ser a guerra motivo de glória para os espartanos, mas seu preço era a desventura dos demais gregos (*Vida de Agesilau*, XXVII, 3-4).

O esforço de Epaminondas, no entanto, não trouxe a paz esperada. Plutarco relata que Agesilau encolerizou-se com a boa recepção dos gregos ao discurso do tebano e decidiu declarar guerra a Tebas⁴⁷; e, assim, seguem-se as batalhas de Leuctras e de Mantinéia, que pulverizam as forças militares e econômicas de Esparta. O desfecho da recusa de Agesilau à proposta de paz sugerida primeiro por Antálcidas e sua captação de recursos junto aos persas constituíram-se nos últimos movimentos do rei espartano antes de sua derrocada final, relatada na passagem em epígrafe.

Não somente Esparta e Atenas viram seus hábitos e costumes destruídos pelas ações dos persas. Plutarco também descreve um quadro alarmante em Éfeso:

Naquele tempo, os efésios encontravam-se em estado de miséria, correndo o perigo de serem barbarizados pelos hábitos persas por causa das relações comerciais, da Lídia que a cercava e dos muitos generais do Rei que lá passavam o tempo (*Vida de Lisandro*, III, 2-3).

Assim, o contato com o bárbaro torna-se então o causador de grandes males para o solo grego. Os primeiros indícios da influência negativa dos bárbaros foram descritos por Plutarco já na biografia de Sólon, que aparece intensificada na de Alcibíades, com conseqüências desastrosas de Lisandro e Agesilau. Na vida deste último, Plutarco revela que os tebanos ainda não estavam corrompidos pelo ouro e pela prata dos persas, pois Epaminondas discursa em nome dos gregos, sem preocupações com acordos escusos ou interesses pessoais. Nesse novo cenário que se confi-

47 Ibid., XXVII, 5.

gura, Epaminondas denota a permanência da tradição grega com sua educação (*paidéia*) e o estudo da filosofia (*philosophía*), elementos que o qualificam para rejeitar a corrupção persa e pensar no bem-estar de todos gregos.

Agradecimentos

Agradeço o apoio institucional da CAPES, que, por meio da concessão de uma bolsa PDEE, proporcionou a oportunidade de pesquisa na biblioteca da Escola Francesa de Roma e de outros centros de pesquisa da cidade eterna, o que contribuiu para o levantamento de parte significativa da bibliografia citada neste trabalho. Agradeço ainda o apoio institucional da FAPESP, órgão financiador de minha pesquisa de doutoramento, uma vez que este artigo é parte integrante dela.